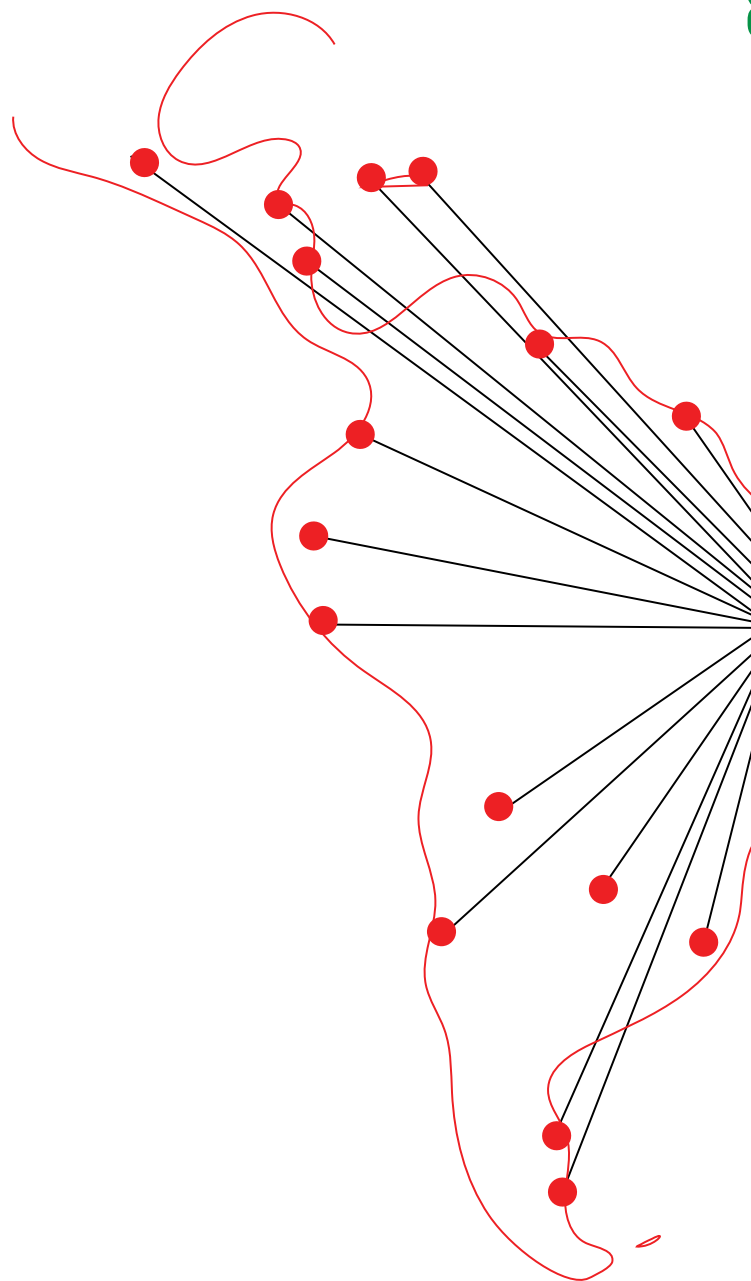


VIDEOCONFERÊNCIA  
8 DE ABRIL DE 2020



DECLARAÇÃO  
**COMITÊ  
EXECUTIVO**  
ABRIL 2020



CUIDEMOS  
DE QUEM CUIDA DE NÓS



# DECLARAÇÃO

## COMITÊ EXECUTIVO CLATE

Videoconferência – 8 de abril de 2020

### CUIDEMOS DE QUEM CUIDA DE NÓS

Nestes dias, o planeta enfrenta uma crise humanitária, sanitária e econômica que não tem precedentes na nossa história moderna. A Pandemia do novo coronavírus, o Covid-19, nos afetou não só como seres humanos, mas também como organizações sindicais da América Latina e o Caribe, já que jogou nos trabalhadores e trabalhadoras organizados uma das tarefas mais transcendentais: sustentar o direito à saúde de toda a população.

#### **A crise antes da crise**

Em matéria econômica, no mundo e na nossa Região em particular, é preciso lembrar que a atual crise tem componentes que existiam previamente no ordenamento do funcionamento atual do sistema capitalista mundializado. Além disso, podemos dizer que a mesma tem muitos pontos de continuidade com a crise de 2008 e tem pontos de diferença, que precisamos mencionar.

Como ponto em comum podemos afirmar que estamos diante de uma crise que não se resolve, e que tem como marco as contradições entre as relações capitalistas e os impactos introduzidos pelas mudanças tecnológicas. Estas contradições poderiam ser enumeradas como: a geração de excedentes extraordinários através do aumento da produtividade e da redução do consumo da força de trabalho. Isto, somado à apropriação privada e concentrada dos mesmos, produz simultaneamente fenômenos como a depressão do consumo de massas, o superinvestimento e a superacumulação de capitais.

Este cenário gera enormes massas de mais-valia que não encontram onde se valorizar e que terminam criando bolhas especulativas, montanhas de capital fictício sem contrapartida na economia real.

Pois bem. Quais são os novos elementos que traz esta crise da Pandemia? Em primeiro lugar, aparecem hoje as disputas protecionistas entre os Estados centrais afetados em termos de desigualdade social pelos resultados da reconfiguração produtiva global, e que tem por objetivo obter os maiores benefícios na distribuição da globalização. Os Estados Unidos têm um papel central, pretendendo recuperar espaços e, nesse marco, aprofunda-se a virulência do enfrentamento comercial com a China.

Por outro lado, outro fator que não estava presente na crise econômica mundial de 2008 são os enfrentamentos pela mudança na matriz energética. Por um lado, aparece a guerra de preços dos produtores de hidrocarbonetos convencionais, isto é, a disputa entre a Rússia e a Arábia Saudita. Isto, somado à queda da demanda mundial, levou o preço do petróleo a menos de 20 dólares por barril. Além disso, esses preços tão baixos visam frear a produção do “shale” dos Estados Unidos, transformando-o em um jogador central na discussão petroleira mundial, em conflito com um dos seus principais aliados no Oriente Médio, a Arábia Saudita.

Também aparecem atores na disputa entre os que buscam energias mais limpas e os dependentes dos combustíveis fósseis. Nesse sentido, a China parece estar avançando rumo às energias mais limpas e está incorporando cerca de um milhão de veículos elétricos por ano.

O tripé crise não resolvida na acumulação de capital, por um lado; disputas pelo protecionismo, por outro, e o debate sobre a mudança da matriz energética, por último, é o elemento central que permite entender que a economia mundial avançava rumo à uma nova fase recessiva. E sobre esse tripé aparece a Pandemia, desestabilizando ainda mais este quadro instável e gerando um cenário de maior incerteza e complexidade.

Em síntese, e só em matéria econômica, esta Pandemia está abrindo a porta não apenas para um processo recessivo, mas também para a possibilidade de que se desencadeie uma depressão generalizada da economia mundial.

Estamos entrando em uma espiral descendente que tem difíceis prognósticos, e que se expressa nos processos de destruição de capital e desvalorização, como evidenciam as bolsas de valores. Nesse contexto, aparecem pacotes de financiamento promovidos pelos países centrais (Estados Unidos, Alemanha, Banco Central Europeu). E a tentativa de criar um piso para a queda. Em síntese, a Pandemia catalisa, acelera e aprofunda uma crise que já estava começando.

## **Impacto econômico na nossa Região**

Obviamente, a Pandemia terá seu primeiro grande impacto no canal comercial. As exportações de matéria-prima da nossa região têm como destino os países que hoje estão sendo afetados por esta crise no Hemisfério Norte. O turismo e os serviços vão ser fortemente atingidos na América Central e na América do Sul. A paralisação produtiva que já trazia a guerra comercial, somada a esta que se aprofunda com o surgimento da Pandemia, golpeia fortemente sobre a interrupção generalizada das cadeias globais de valor, com especial intensidade no Brasil e no México.

A isto devemos acrescentar outro fator, não menos preocupante: a deterioração dos preços das commodities. Uma grande diferença para os países da nossa região em comparação com a crise de 2008, é que justamente naquele momento os preços internacionais dos nossos produtos eram elevados e nos permitiu acumular um importante volume de reservas que permitiram que os governos da região pudessem surfar a crise naquele momento.

## **A saúde na Região**

Por outro lado, os nossos precários sistemas de Saúde, maltratados desde o chamado “Consenso de Washington” até hoje, sustentam-se mais pelo voluntarismo e a coragem de seus trabalhadores e trabalhadoras do que pelos recursos e a capacidade real de resposta.

Sem investimentos significativos nas últimas décadas, seja em infraestrutura como em pessoal, e muito menos em formação ou equipamentos, torna-se imprescindível ouvir a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) nestes dias: os países deveriam investir 6% do seu Produto Bruto Interno (PBI) para terem uma resposta adequada diante da Pandemia.

No entanto, os países da nossa Região só investiram 2,2% do PBI em seus precários sistemas de saúde. É óbvio que a atitude comprometida dos trabalhadores e das trabalhadoras da saúde não vai ser suficiente para resolver esta questão.

Além disso, enquanto o mundo se preparava para enfrentar o Covid-19, a nossa Região estava lutando contra uma epidemia feroz: o dengue, que em 2019 se tornou a mais grave dos últimos anos. A informação foi divulgada em fevereiro de 2020 pela Organização Pan-americana da Saúde (OPS), que alertou que só no ano passado foi registrado o maior número de casos no continente: 3.139.335 pessoas infectadas e 1538 mortes.

Nas primeiras quatro semanas de 2020, enquanto a China combatia este novo coronavírus, a América Latina e o Caribe tiveram 125.514 casos de dengue, dos quais 498 foram classificados como dengue grave.

É por isso que dizemos que este novo golpe sanitário põe toda a estrutura de saúde do nosso castigado continente em condições de colapso. E, sem dúvida, as principais vítimas desse colapso serão os trabalhadores e as trabalhadoras da Saúde.

Segundo os últimos relatórios da OMS, entre 10% e 13% dos contagiados de Covid-19 são membros do sistema sanitário. E isto acontece principalmente pela falta de elementos de proteção pessoal para atender os pacientes.

## **Meu trabalho assegura seus direitos**

São os trabalhadores e trabalhadoras do Estado, em todos os países do mundo, os que enfrentam esta crise na primeira linha de ação: no atendimento sanitário, mas também nos outros serviços essenciais, como a coleta de lixo, as áreas de cuidados, as prisões, o abastecimento de energia, entre outros.

Pouco se sabe sobre como vai evoluir o processo desta Pandemia, sobre a sua duração ou sobre a recuperação dos milhares de contagiados em todo o mundo. Mas o que sim podemos afirmar, sem nenhuma dúvida, é que esta crise vai produzir mudanças dentro do sistema econômico mundial: 40 anos de receitas neoliberais na economia deixaram os Estados e os povos praticamente indefesos diante desta situação.

Os processos de globalização da economia, os mecanismos de endividamento por parte dos Estados e a supremacia dos sistemas financeiros sobre os direitos essenciais da humanidade geraram a maior contaminação à escala global e também a maior desigualdade distributiva em toda a nossa história.

Diante da Pandemia, os países pobres do mundo –muitos deles colônias ontem e hoje Estados fracos com economias condenadas ao extrativismo desenfreado e a um endividamento que os submete aos organismos internacionais de crédito– não têm a mesma ca-

pacidade de resposta dos países mais desenvolvidos. E, ainda que a realidade nos demonstra que os contágios e as mortes crescem se parar, o Covid-19 não vai atingir a todos da mesma forma.

Nas regiões mais pobres do mundo, à virulência dos contágios, se acrescentará a pobreza extrema em faixas muito importantes de seus povos, já castigados por este flagelo.

Em resumo: Pandemia, pobreza e Estados subordinados aos interesses do poder econômico mundial fazem com que a nossa América Latina e Caribe esteja em uma posição muito mais fraca do que o resto do mundo para enfrentar esta situação.

### **Trabalho e educação**

Muitos dos países do nosso continente começaram a aplicar medidas sanitárias extremas como o isolamento social, o toque de recolher ou as diferentes formas de reduzir a circulação massiva de pessoas para evitar um número maior de contágios e o colapso total dos sistemas de saúde.

Isto significa, por exemplo, que áreas como a Educação, em todos os seus níveis, foram suspensas preventivamente. Um número importante de países latino-americanos e caribenhos resolveram suspender as aulas e deixar as crianças em casa, como possíveis transmissores da doença, a maioria assintomáticas.

Estas medidas acarretam vários problemas para a maioria das famílias e das crianças. Não só no que se refere ao aprendizado, que sem dúvida será seriamente prejudicado no caso das famílias que não têm acesso aos serviços de comunicação virtual, mas também para a organização do trabalho dos adultos e, sobretudo, e ainda mais importante, para a economia familiar. Na nossa Região, a escola é para 85 milhões de crianças e adolescentes um espaço de alimentação. Os Estados deveriam assegurar que esse direito não seja prejudicado e continuar oferecendo esse serviço essencial. Além disso, a combinação em muitos casos de home office e educação à distância impõe uma carga maior para as mulheres, aumentando ainda mais as horas de trabalho pelas tarefas de cuidado.

### **A resposta da nossa região**

A Pandemia avança nestes dias e, diante dos fatos e das ações que estão sendo realizadas no nosso continente, apenas a República de Cuba foge da triste descrição do nosso estado de situação atual. A ilha conta com políticas públicas concretas não só para enfrentar esta Pandemia, mas também para enviar ajuda humanitária a outros países. Nem o bloqueio econômico e tecnológico imposto pelos Estados Unidos a Cuba há 60 anos conseguiu abater o espírito humanista e solidário do povo cubano.

Enquanto isso, a América Latina e o Caribe continuam sendo a Região mais desigual do planeta. E com apenas um dado podemos constatar esta premissa: mais de 53% dos homens e mulheres que trabalham estão no setor informal da economia, isto é, estão excluídos dos serviços essenciais, como a saúde e a previdência social.

Nestes tempos extremamente difíceis, vale lembrar um princípio estabelecido na Constituição da OIT: “A pobreza, em qualquer lugar, constitui um perigo para a prosperidade de tudo”. Como disse recentemente seu Diretor Geral, Guy Ryder, “isso nos lembra que, nos próximos anos, a eficácia da resposta a essa ameaça existencial pode ser julgada não apenas pela escala e pela velocidade das injeções de dinheiro, ou pela curva de recuperação plana ou íngreme, mas pelo que fizemos pelas pessoas mais vulneráveis”.

### **Perante tudo isto, a Confederação Latino-americana e do Caribe de Trabalhadores Estatais, reunida em Videoconferência no dia 8 de abril de 2020, declara:**

#### **1. É preciso cuidar de quem cuida de nós**

Abastecer de todos os insumos necessários os trabalhadores e trabalhadoras da saúde e todos os servidores públicos e privados que estão ao serviço dos nossos povos enfrentando esta crise na primeira linha.

Além disso, com afirmou recentemente a Organização Internacional do Trabalho (OIT), deverão ser adotadas disposições apropriadas com relação ao horário de trabalho, para que os trabalhadores e trabalhadoras da saúde possam equilibrar as exigências do serviço sanitário com suas responsabilidades domésticas de cuidados e seu próprio bem-estar.

Também, as diretrizes mais atualizadas, as medidas para prevenir o contágio e a forma de aplica-las devem ser difundidas de forma prioritária no âmbito sanitário, entre seus trabalhadores e trabalhadoras. E para isso é preciso fortalecer o diálogo entre o pessoal sanitário e os empregadores, para que as medidas e os procedimentos se apliquem corretamente.

## **2. Fomentar o diálogo e a participação de todos os setores**

Promover a criação de Comitês Mistos de Crise nos serviços de saúde em todos os níveis, para garantir o cuidado e a proteção dos trabalhadores e trabalhadoras do sistema e da população usuária.

É fundamental ativar ou reforçar todos os mecanismos de diálogo social tripartite, bipartite, bem como outros instrumentos de diálogo social amplo, a fim de garantir que a definição e o estabelecimento de medidas no contexto da Pandemia, sejam realizados com a participação dos sindicatos e das organizações sociais com o objetivo de proteger os direitos básicos, de vida, trabalho e saúde da classe trabalhadora em sua diversidade.

## **3. Cuidar do emprego**

Os setores produtivos e os Estados devem assegurar a estabilidade do emprego e do salário para todos os trabalhadores e trabalhadoras. Em seu recente relatório, a OIT adverte que estão em perigo 195 milhões de postos de trabalho no mundo todo, alertando que 1,25 bilhão de pessoas trabalham em setores de alto risco, ameaçados por demissões, suspensões e reduções de salários. Dessa impressionante quantia, 45% correspondem à América.

Nesse sentido, deve-se dar assistência aplicando políticas públicas existentes ou com a criação de novos mecanismos que garantam a estabilidade trabalhista e a renda, seja em condições de formalidade ou de informalidade. É hora de aplicar iniciativas como a renda básica ou outras que garantam que a seguridade social não dependa exclusivamente do lugar que se ocupa no mercado de trabalho. Deve-se proibir, também, a suspensão ou término de contratos de prestação de serviços temporários durante o tempo que durar a emergência sanitária para todas as entidades públicas nacionais ou territoriais, centralizadas ou descentralizadas de serviços, bem como do âmbito privado em todas as suas modalidades, sob o argumento de falência, baixa produtividade, perda de lucro, entre outros.

## **4. Proteção dos idosos e das mulheres trabalhadoras**

Devemos proteger todos aqueles trabalhadores e trabalhadoras que, por integrarem grupos de risco, estão de licença médica no marco da emergência; bem como todos aqueles que estavam de licença (médica, por maternidade, férias, etc.) antes da crise.

Por outro lado, as mulheres representam mais de 70% dos trabalhadores sanitários de todo o mundo. E hoje, devido à pandemia, devem enfrentar um duplo desafio: horários de trabalho mais longos e mais trabalho em casa. A expansão do vírus pôs em evidência esta enraizada desigualdade de gênero. Também evidenciou e exacerbou uma crise global em matéria de serviços de prestação de cuidados. É uma boa oportunidade para priorizar os investimentos nos setores sanitário e de prestação de cuidados.

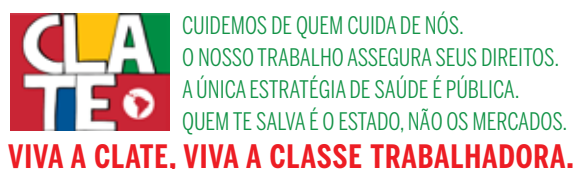
## **5. Direito à informação**

Assegurar o acesso dos povos à informação sobre a gravidade desta Pandemia através dos meios de comunicação de massa, que deveriam cumprir o papel de informar e colaborar na prevenção e na garantia da saúde para todos e todas.

Como seres humanos e como militantes, temos uma prioridade: defender a vida. E vamos fazer todos os esforços para enfrentar esta Pandemia. Mas também sabemos que esta pode levar a mais pobreza e mais desigualdade. Por isso precisamos preparar as nossas organizações, elaborar as nossas propostas, fazer o nosso melhor esforço para pensar uma saída diferente.

Nós, trabalhadores e trabalhadoras do setor público, assim como os nossos povos, temos certeza de que só revalorizando o papel do Estado, e participando da disputa sobre os termos em que se deve dar esse novo valor, poderemos ser capazes de enfrentar a Pandemia, primeiro, para depois encarar um processo de recuperação com maior igualdade e justiça social.

Como trabalhadores e trabalhadoras, os nossos modelos de organização sempre adotaram a melhor forma de enfrentar a exploração da força de trabalho em cada época histórica. Nesta oportunidade, não será diferente. Aceitamos os desafios que nos propõe esta Pandemia. E nos tornaremos fortes para pensar em um futuro diferente para os nossos povos.





[www.clate.org](http://www.clate.org)  CLATE  @estatalesCLATE  clateestatales

Tel.: +5411.4382.2233. Rua Paraná 26, 6°E  
C1017AAB. Buenos Aires. Argentina